

um submarino, no fundo do mar de Coral. É verdade que cheguei a assumir a direção da oficina, mas logo tive a amargura de ver que a viúva Udihara, a idosa Senhora Mieko, começava a encorujar.

Desde que chegara de Chinagaua eu residia na casa de uma família xintoísta que dava pensão. Meu companheiro de quarto era um jovem jogador de *baseball*, o cristão Akeda. Era bonito ver, sobre a mesma mesa, uma miniatura do Daibutsu ao lado da imagem do mártir S. Paulo Miki. Mas o dono da casa, Senhor Sugano, nos acusava e atribuía às crenças "estrangeiras" as desgraças nacionais. Tudo acontecera porque tínhamos abandonado o culto da Deusa Amaterasu, do Deus Izanagi, e dos Kami. Pois bem: o atlético cristão Akeda morreu uma semana depois do enterro do Senhor Udihara. E, ao pensar nesse e em outros mortos, eu ri muitas vezes da ingenuidade com que minha mãe me proibira de beber água ou comer frutos dos arredores de Nagasáqui. Eu bebera e comera e os outros iam morrendo...

VI — O ESQUELETO — Em março de 50 deixei Chinagaua, no mesmo dia em que a Senhora Mieko era levada para um hospital da cidade. Minesako falara muito daquele grande país cheio de sol e uíaras, que ficava do outro lado do mundo. Comecei a cuidar dos papéis para a grande viagem e para fugir ao mal de Nagasáqui. Tinha algum dinheiro e arranjei uma pensão perto do centro de Tóquio. A obtenção da licença para viajar e do visto era porém demorada e por isso arranjei um novo emprego para me agüentar durante a espera.

Por várias razões gastei quase um ano e meio até que tudo se formalizasse. Viver durante esse tempo foi porém um alívio para mim, pois, se no primeiro ano tudo correu bem na pensão, nos últimos três meses tinham morrido dois pensionistas. O fato e a *causa mortis* alertaram as autoridades sanitárias e eu mesmo — com outros hóspedes — fui submetido a longo exame clínico. Mas o meu estado de saúde era aparentemente ótimo — disseram-me.

Um dia, finalmente, recebi o passaporte e demais documentos para a viagem. Na véspera do embarque apanhei a volumosa mala, já pronta, e fui a locomoção despachá-la. Voltei a Tóquio para passar a última noite na pensão. Ao chegar tive uma notícia triste, mas já esperada: o dono da pensão, Senhor Mizumoto, morrera no hospital.

No dia seguinte, ao amanhecer, eu me preparava para sair com minha mala de mão, quando a pensão foi invadida por policiais e médicos. Em locomoção o navio me esperava, mas nada pude fazer: fui levado com mais cinco pensionistas para um hospital. Fomos submetidos a vários exames e, quando o meu dorso foi exposto à radioscopia, o médico saltou um brado de espanto: "o esqueleto deste homem parece feito de luz fluorescente!"

VII — A GRANDE VIAGEM — Nada me perguntaram, nem ao menos o nome. Meteram-me numa ambulância talvez para que, confinado em alguma cela de cimento, eu acabasse os meus dias. Mas as poucas peças de ferramenta que eu tinha na mala muda-

ram o programa. Após meia hora de viagem arranquei as dobradiças da porta da ambulância e, na primeira parada, forçada por um cruzamento com o leito da estrada de ferro, desci tranqüilamente. Três horas depois o "Osaca Maru" levantava ferro em locomoção e fazia-se ao largo. Num de seus camarotes de classe geral eu repousava com este esqueleto radioativo que continuava a luzir dentro de mim.

VIII — COMPANHEIROS — Éramos quatro no camarote e cada um tinha um destino. Só eu não sabia o que fazer depois de saltar em terra. O destino de lojiro — um de nós — era S. José do Abacateiro, um arraial entre algodoais.

— Lá é bom. Há banqueiros patricios que emprestam dinheiro para comprar terra.

— Como é que você sabe?

— Eu já estive lá. Comprei terra que tinha mais dois donos: João e José. João matou José e foi morto por Antônio, filho do mesmo José. Antônio foi preso e eu fiquei com a terra.

Fizemos camaradagem e afinal lojiro convidou-me para trabalhar no sítio dele: — Há sempre serviço de mecânico — explicou.

E havia. Ele tinha um trator, um *jeep* e algumas máquinas agrícolas. Colhemos uma safra, entrou dinheiro e tudo ia bem. Um dia ele foi montar um baio, meteu o pé no estribo, e não teve forças para alçar o corpo. Encarei-o: estava pálido. Foi enterrado daí a dois meses e então apareceu Joaquim, filho do defunto João, com uns papéis e soldados. Tomou a terra, o rancho e tudo mais e eu só pude fugir com o *jeep* e minhas ferramentas para Bauru.

IX — AMOR FATAL — Viver só é muito triste. É mais triste ainda quando matamos aqueles com quem convivemos. Na escola de Omura o professor nos ensinara que o rei Midas transformava em ouro tudo o que tocava. Mas eu transformava em defuntos todos os parentes e amigos. Pensei no entanto que poderia casar desde que não tivesse a esposa sempre ao meu lado.

Lídia Tsurayuki, uma nissei, era em pouco tempo minha noiva. Fui buscá-la a Guaraniúva e casamos. Não consegui porém convencê-la de que deveríamos ter quartos separados e comer a horas diferentes. O caso de Lídia foi realmente o de um amor fatal: quando eu esperava que ela me desse em breve o meu primeiro nissei, o seu sangue começou a desfazer-se em água. Tudo foi questão de alguns dias e, então, desesperado, resolvi vingar-me em alguém.

X — RÁDIO-HOMICÍDIO — Voltei à roça de lojiro, entreguei o *jeep* a Joaquim e pedi-lhe perdão e um emprego. O caboclo vivia feliz com a mulher e um filho pequeno. E também com o trator e as máquinas de lojiro Mizakame. Transformei-me na sombra da família, sempre serviçal e dedicado. Era enxadreiro e mecânico, moço de recados e copeiro. Em seis ou sete meses o extermínio começou. Adoeceu primeiro o menino, mas quando me arrependi já era tarde: nem o Buda de Camacura nem S. Jacob Sisai de minha nova devoção me ouviram, e atrás do menino foram os pais. Ao mesmo tempo os empregados e agregados co-



meçavam a adoecer. Foi então que se espalhou por aqui a lenda de que sou bruxo, feiticeiro e envenenador, de que mato com mau-olhado e com suco de ervas más. Ninguém mais se aproxima de mim, mas sei que, a qualquer momento, cairei na ponta de uma faca ou varado por uma bala."

XI — ASSASSÍNIO PÓSTUMO — A conclusão desta história não poderia estar na carta de Takeo Matusaki. Eu a acrescentarei.

Certa manhã o corpo do japonês — disse um jornal — apareceu cortado a faca e chamuscado pelo fogo. Enterraram-no em S. José do Abacateiro e — alguns meses depois — o zelador do cemitério morria anêmico, evidentemente *nagasaquiado*. Ao redor da campa de Takeo as plantas que não secaram mudaram de aspecto. Sob a terra o seu esqueleto continuava e continuará a malar, muito embora o seu espírito maligno já tenha sido convenientemente esconjurado por aqueles que estão seguros de que Matusaki foi a própria encarnação do Diabo, o Diabo em carne e osso, ou pelo menos o esqueleto do Diabo.

Domingos Carvalho da Silva, jornalista e poeta, professor da Universidade de Brasília. Autor de 10 livros de poesias, entre os quais *Rosa Extinta*. Tradutor dos 20 Poemas de Amor de Pablo Neruda e autor de *Véspera dos Mortos* (contos). \* Yvete Ko, pintora e ilustradora. Apresentou seus trabalhos no Musée du Grand Palais, de Paris, e no Salão de Arte Contemporânea, de Lyon, onde obteve o grande prêmio de Artes Gráficas. Menção especial do Júri na XVII Exposição Palme D'Or.